

**COLETANDO HOJE, PENSANDO NO AMANHÃ: MANEJO
COMUNITÁRIO PARTICIPATIVO DO TUCUMÃ (*Astrocaryum aculeatum*) NA
TERRA INDÍGENA APURINÃ DO 45, BOCA DO ACRE, AMAZONAS, BRASIL**

Mirna Pinheiro Caniso¹

INTRODUÇÃO

A comunidade indígena Apurinã, do tronco lingüístico Aruak, é caracterizado por ser um povo guerreiro, e somente essa característica marcante para identificar um povo indígena que conseguiu sobreviver ao extermínio realizado na Amazônia durante a expansão da frente seringalista até os dias atuais. Esta comunidade situa-se na Br 317 a 45km do município de Boca do Acre no Estado do Amazonas, possui uma área total de aproximadamente 26.240.423ha fragmentados, e com o trabalho no manejo de tucumã envolve diretamente 10 famílias, do total de 29 existentes na terra indígena. Seu entorno é constituído por fazendas pecuárias, ou seja, sofre extrema pressão para a destruição dos recursos naturais disponíveis em sua área, constatado através da invasão de sua terra por caçadores e pelos pecuaristas do entorno interessados em utilizar suas terras para "arrendamento" de pasto.

Foi com vistas a este pensamento que o Grupo de Pesquisa e Extensão em Sistemas Agroflorestais do Acre – PESACRE, uma ONG situada em Rio Branco veio atender a solicitação de uma parceria que atendesse a essa demanda da comunidade indígena Apurinã do 45. Dessa forma, surgia assim a construção do plano de manejo comunitário participativo do tucumã (*Astrocaryum aculeatum*), aonde levou-se em conta a valorização do saber local de homens, mulheres, idosos e jovens conforme consta na metodologia participativa PESA adotada pelo Grupo PESACRE.

O trabalho na confecção de artesanato a partir do manejo do tucumã apresenta além da opção de ter uma renda à perspectiva de que jamais verão suas terras destruídas, pois consideram sua maior riqueza e herança para seus filhos e netos ou de que terão de sair de sua terra em busca da melhoria de sua qualidade de vida, ou até mesmo o "esquecimento" de uma prática milenar realizada pelos seus antepassados indígenas.

¹ Grupo de Pesquisa e Extensão em Sistemas Agroflorestais do Acre – PESACRE. (mirnacano@hotmail.com)

MÉTODOS

O início deste trabalho foi em 1998, para a realização do levantamento da palmeira tucumã foi feito treinamento com os indígenas no uso e coleta de dados usando o GPS e orientação geográfica com bússola. Enfatizo que sempre os trabalhos foram conduzidos respeitando e valorizando o bom-senso da comunidade, seja na hora da definição da espécie a ser manejada, seja na escolha da área a ser feito o inventário florestal, dentre outras.

Assim, o primeiro levantamento serviu como um bom aprendizado para os tocóciôs e a comunidade Apurinã, pois a constatação *in loco* não correspondeu com as expectativas de todo o grupo. A seqüência do planejamento com a comunidade Apurinã consta das seguintes etapas para a realização do manejo florestal não madeireiro.

"Definição da espécie, definição do sistema de manejo e das medidas mitigadoras dos impactos sobre a fauna e flora, censo dos indivíduos a serem manejados ou seja, abertura de piques, plaqueteamento das palmeiras, coleta e registro de dados sobre a ecologia da espécie e georeferenciamento dos indivíduos com GPS." (COSTA, J. A et al)

Na segunda fase do trabalho fez-se o levantamento em área de capoeira e fez-se a comparação com a área de floresta primária e constatou-se que na primeira existia mais espécies concentradas numa mesma área próxima e, além disso, as palmeiras de tucumã eram mais produtivas ali do que na área de floresta primária. Resultando na abertura de 20 piques com 20 palmeiras em cada um numa área total de xxxxxxxx.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A confecção do artesanato Apurinã do 45 utiliza-se de matéria-prima proveniente da floresta, sem a mistura de qualquer outro recurso manufaturado ou industrializado, daí surgiu a preocupação de estar conservando e ao mesmo tempo preservando estes recursos florestais, de forma que os netos de seus netos ainda possam estar utilizando-os uma vez que, sofre maior pressão devido sua utilização constante.

Como povo indígena o artesanato é uma habilidade adquirida de forma natural, a potencialização do artesanato como atividade produtiva rentável a partir do manejo da semente de tucumã trouxe perspectivas de revitalização de sua cultura.

Para isso, a comunidade construiu uma oficina de artesanato, e conseguiu adquirir alguns equipamentos básicos para a produção em escala de artesanato. Fundou uma associação (ASAMIA – Associação dos Artesãos Manejadores Indígenas Apurinã do 45) para melhor se organizar e comercializar abriram conta corrente no banco e caixa postal para comunicação extra aldeia.

O Grupo PESACRE submeteu em 2001 o projeto "Fortalecimento da Gestão Ambiental e Econômica da Comunidade Indígena Apurinã do km 45 da BR 317/AM" ao Fundo Nacional do Meio Ambiente do Ministério do Meio Ambiente de forma a viabilizar a consolidação do processo de auto-gestão dos indígenas. assim foi possível publicar cartilha, catálogo expositor do artesanato, produção de um vídeo demonstrativo da cadeia do artesanato, criação de um logotipo da ASAMIA e o principal resultado foi o processo de capacitação/formação da comunidade em associativismo, gerenciamento, comercialização e etapas de manejo, além da melhoria no processo de gestão do manejo, da "fábrica" e da comercialização.

Outro resultado foi a escolha pela comunidade 6 (seis) agentes de manejo de, sendo 5 homens e 1 mulher, responsáveis pelo monitoramento do manejo do tucumã, pelo acompanhamento de visitantes a área e de disseminar o processo em outras comunidades, todas as decisões são sempre tomadas em reuniões da comunidade indígena Apurinã de forma participativa .

No estabelecimento de regras de utilização das sementes de tucumã a preocupação dos indígenas era a de garantir a conservação e preservação dos recursos naturais existentes, interessante observar que os Apurinã somente recolhem os frutos de tucumã após os animais silvestres terem se alimentado, pois são eles os responsáveis pela dispersão das sementes pela floresta, mantendo assim o equilíbrio ecológico da floresta e nem todas as sementes são recolhidas, ficando uma parte no local da queda para originar novas plântulas. Considerável observar o incremento da renda do povo indígena Apurinã do 45, as famílias envolvidas no processo adquiriram filtro para água, aves de raça melhorada, vacinas para animais, enxoval para as crianças, bicicletas, camas, colchões, melhoraram suas habitações, e algumas adquiriram placas solares, bateria e televisor, dentre outros, além disso, houve a redução do êxodo para as cidades próximas à aldeia. Isso correu porque a comunidade acima de tudo é a principal gestora deste processo e o papel do técnico é de facilitador.

A comunidade foi convidada a ter seu artesanato exposto na Feira de Negócios Sustentáveis realizada na cidade do Rio de Janeiro de Janeiro a junho deste ano. Participou também da Feira do Empreendedor em Rio Branco, Acre. Fortalecendo assim uma rede de comercialização justa e solidária.

Este ano a comunidade inicia o manejo de outra semente a jarina (*Phytelephas spp*) baseada na sua experiência anterior com o tucumã.

Além disso, é notório o resultado deste trabalho, pois vem despertando o interesse de outras comunidades indígenas do Estado do Acre em iniciar/replicar esta atividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANISO, M. P. O Sonho de uma Fábrica de Sonhos, por uma Autopoiética Apurinã. Rio Branco, Acre. UFAC. Maio de 2003.

COSTA, J. A.; DUARTE, A. P.; APURINÃ, Comunidade Indígena. Metodologia para Manejo Comunitário da Espécie "Tucumã" (*Astrocaryum aculeatum*) na Terra Indígena Apurinã do Km 45, Br 317/AM – Brasil. Rio Branco, Acre. PESACRE.

GARRAFIEL, D.R.; NOBRE, F. R. C.; DAIN, J. (1999). Manual da Metodologia PESA, uma abordagem participativa. Rio Branco, Acre. PESACRE.

PESACRE. Apurinã do 45, Uma Cadeia Produtiva Sustentável. Cd Room. 2003.